



Director literario:

A handwritten signature in black ink, likely 'Antonio dos Anjos', written over the printed name 'PAPIM'.

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

A handwritten signature in black ink, likely 'Eduardo Malta', written over the printed name 'PAPUSSE'.

PAPUSSE

**A morte do dragão**

Por VASCO de A. ROCHA

Desenhos de EDUARDO MALTA

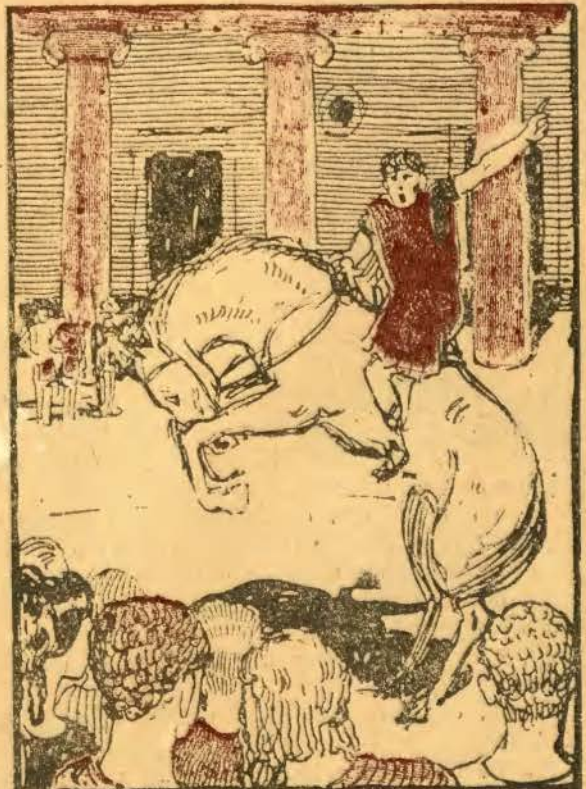


UMA cidade romana, muitos anos antes da era cristã, habitava um pobre rapaz, de 16 anos de idade, chamado Márcio. Desde os 5 anos, que Márcio se achava só no mundo, vivendo apenas dum pobre ofício e de algumas pequenas esmolas. Nunca, por mais esforços que fizesse, pôde descobrir quem tinham sido seus pais. No entanto, ainda se lembrava que quando era pequenino estava rodeado de muitos cuidados e quasi sempre ao colo

de mulheres muito bem vestidas. Um dia, levaram-no para uma casa em ruínas, habitada por uma mulher muito velha, que o criou. Essa velha, porém, morreu, e eis que Márcio fica só no mundo. Mas, como era forte, resistiu a todos estes infortúnios, e, muito custosamente, ia vencendo a vida.

Das altas montanhas que rodeavam a cidade, veio, um dia, um cavaleiro a toda a brida, lançar à população, aterrada, uma noticia terrível.

— Irmãos! — disse elle — um enorme e feroz dragão, anda pelos desfiladeiros da Morte, à espera dum momento oportuno para atacar-vos e destruir, assim, a cidade! Todos vós morrereis, se, apressadamente, um de vós não se dirigir aos desfiladeiros da Morte, e matar esse terrível e horrendo animal, que tem feito milhares de victimas, e destruido muitas cidades!



(Continua na página 4)



A ROSA VERMELHA

■ ■ ■ POR ALBERTO NUNES ABOIM ■ ■ ■

:-: DESENHOS DE E. MALTA :-: ■ ■ ■



UM lindo palacete, numa das margens do rio Sado, vivia uma nobre família muito rica. D. António e D. Estefânia eram os donos da casa; os quais, tinham dois filhos que eram o seu orgulho: — José e Ana.

À volta do palacete, havia um lindo jardim onde Zéca e Anica, (assim chamavam às duas crianças), costumavam brincar.

Um dia andavam os dois irmãos a passear no jardim, quando Anica viu cair uma bola tão brilhante que parecia de prata, e correu a apanhá-la. O Zéca ficou parado a olhar para ela. Mas qual não foi o seu espanto ao vê-la, logo que a irmã tocou na bola, esta desapareceu; e imediatamente ouviu-se uma voz que dizia:

— Já estou vingado, nunca mais verás a tua Anica!

Zéca olhou para todos os lados, mas não viu

ninguém; e, muito choroso, foi contar o sucedido aos pais; os quais, chorando muito também, logo se puzeram de luto, contando já mais verem a sua querida filha. Desde então, nunca mais houve alegria naquela casa. Os próprios criados andavam na mais profunda tristeza.

Já passados muitos meses, andava Zéca muito triste a passear no jardim; de repente olhou para um canteiro e viu uma rosa vermelha muito grande e bonita. Lembrou-se que a irmã gostava muito daquelas rosas e ia a apanhá-la para a pôr à cabeceira da cama onde ela dormia, quando ouviu uma voz dizer:

— Se és muito amigo de tua irmã não apanhes essa rosa!

Zéca muito intrigado, olhou para trás e viu uma velhinha, a quem há muito tempo elle matara a fome. Então ella disse:

— Quero recompensar-te por me haveres morto a fome, há muito tempo. Ouve-me:

— Aquella rosa é a tua Anica que foi transformada pelo feiticeiro Jacob. E tu sabes porque é que elle a enfeitou?

— Não; respondeu o pequeno, aterrado.

Pois então vais sabê-lo. Foi porque uma vez êle queria ser criado do teu papá, que não o quiz aceitar por ouvir dizer que furtava tudo quanto apanhava. Então, Jacob jurou vingar-se. Eis a sua vingança!

— A senhora sabe como hei-de salvar a minha irmã? Preguntou o pequeno.

— Sei, e vou dizer-to. Se colhesses a rosa, ela morreria e então morreria também a tua irmãzinha. E' muito perigosa para ti a empresa de que te vou encarregar. Daqui a cinco léguas, há uma cabana muito alta, onde reside o feiticeiro Jacob. Ele está sempre à entrada da cabana e lá dentro está um gigante que é constituído pelas pessoas que são apanhadas pelo feiticeiro. Então, tu logo partirás daqui, de modo que chegues lá antes de bater a meia noite; ao chegares escondes-te, e assim que bata a primeira badalada da meia noite saies do esconderijo, apanhas uma folha de árvore. Tocas com ela nos lábios do feiticeiro que está a dormir, e, então, êle ficará com o sono tão profundo que nada

sentirá durante uma hora. Imediatamente tiras-lhê o anel que êle tem no dedo indicadôr da mão direita e pô-lo-hás no teu dedo. Logo tomarás a fôrma do feiticeiro. Vais dentro da cabana onde está o gigante, (que te tomará pelo feiticeiro), e pedes-lhe a enxada que êle tem na algibeira do colête. Sais da cabana e trazes a enxada. Pões, depois, o anel no dedo do feiticeiro. Vens para o teu jardim e com a enxada apanhas a rosa, de modo que não partas nenhum pêlo à raiz, para que a tua irmã não fique sem alguma parte do corpo. Tornas no outro dia, à mesma hora, à cabana e logo que bata a primeira badalada da meia-noite, chegas-te ao pé do feiticeiro, e picas-lhe a cara com um espinho da rosa; o feiticeiro imediatamente se transformará num galgo; e tu atiras-lhe com a rosa. O galgo transforma-se-há numa bola muito brilhante que tu apanharás; atira-la ao gigante que logo se transformará em tôdas as pessoas enfeitadas pelo Jacob.

Zéca ouviu isto muito atento e agradeceu muito à bôa velha. À noite, depois de jantar, sem dizer nada aos pais, partiu para a sua jornada. Logo que chegou à cabana, escondeu-se atrás dumã árvore. Assim que bateu a primeira badalada da meia-noite, apanhou uma folha de árvore e fez tudo quanto a vêlhinha lhe disse. Depois de ter a enxada, voltou para o seu jardim e apanhou a rosa com muito cuidado. No outro dia, à mesma hora, foi para a cabana, e fez tudo quanto a velha lhe ensinou. Quando atirou com a bola ao gigante, êste logo se transformou em muitas crianças, entre as quais estavam amigos do Zéca e a sua irmã Anica. Correu logo a abraçar a irmã, à qual, coitadinha, faltavam dois dedos da mão esquerda; porque, a-pesar de todo o cuidado do irmão, ficaram dois pêlos da raiz enterrados na terra. Mas, mesmo assim, ficaram os dois muito contentes por se tornarem a vêr.

Logo que chegaram a casa, foram ter com os pais que ficaram muito contentes. Tiraram logo o luto, e deram grandes festas.

E creio que ainda hoje vivem tôdos muito felizes; pois que nunca mais apareceu outro feiticeiro Jacob.



FIM



A morte do dragão

(Continuação da página 1)

Entre as pessoas que escutavam, aterrorizadas, o cavaleiro, havia muitos homens destemidos; mas nenhum deles se atreveu a ir combater o dragão.

De repente, porém, de entre a multidão, ergueu-se um rapaz que disse resolutamente:

— Eu!

Todos ficaram mudos de espanto! Não podia, sêr que aquele rapaz matasse um dragão! Só se fôsse um deus!

No entanto, êle dirigiu-se com passo firme para o cavaleiro, que, estupefacto, lhe perguntou imediatamente:

— Então queres ir lutar com o dragão?! arrisca-te a morrer — ou, o que é mais certo — morrerás...

— Posso morrer ou não; isso é conforme.

— Como te chamas? Tens família?

— Chamo-me Márcio e nunca conheci meus pais...

— Bem: então parte. Pareces-me valente. Se venceres o dragão, serás adorado como um deus; serás o salvador de milhares de pessoas; serás rico e feliz! Anda, vai, e que Marte, deus da guerra, te proteja!

Toda a gente quiz beijar e abraçar o Márcio; dêram-lhe armas e víveres para a sua longa e perigosa viagem. O valente rapaz, cheio de esperanças e coragem, partiu resolutamente, sem um desfalecimento, para os desfiladeiros da Morte!

Márcio, andou muito tempo pelas montanhas, à procura dos desfiladeiros onde se encontrava o dragão.

Um dia, estava descansando junto a um enorme rochedo, que ficava à beira dum alto precipício, quando lhe pareceu ouvir passos atrás de si. Pegou numa espada e voltou-se vivamente. Na sua frente, a olhal-o admirado, estava um homem, ou antes estava o verdadeiro gigante, tal era a

sua corpulência. Parecia ter uma força formidável, mas ao mesmo tempo, o seu semblante mostrava ser o de um homem inteligente e bondoso.

— Sossega; — disse êle — não quero fazer-te nenhum mal; quem és tu?

— Sou Márcio, um rapaz que pretende dar morte ao feroz dragão que está nos desfiladeiros da Morte! — disse tranquilamente.

— Salvé, amigo! És, na verdade, um herói. Eu que sou mais forte do que tu, também me aventurei por êstes sitios, no firme propósito de matar o dragão; mas não, confesso, com a mesma coragem que te acompanha. Chamo-me Celcio, e tui, durante muito tempo, escravo de uma das mais ricas famílias de Roma; há-de haver, porém, uns dezeses anos, que uns terozes inimigos dos meus patrões, lhes roubaram o único filho que tinham. Dêsde aí que ando infatigavelmente a procurá-lo; contudo ainda não o consegui encontrar. Há dois dias que me disseram que um dragão terrível andava por êstes lugares; resolvi, apesar de perigoso, ir matá-lo; eis portanto a razão porque estou aqui.

— Então, — disse Márcio — se quizeres, fica na minha companhia.

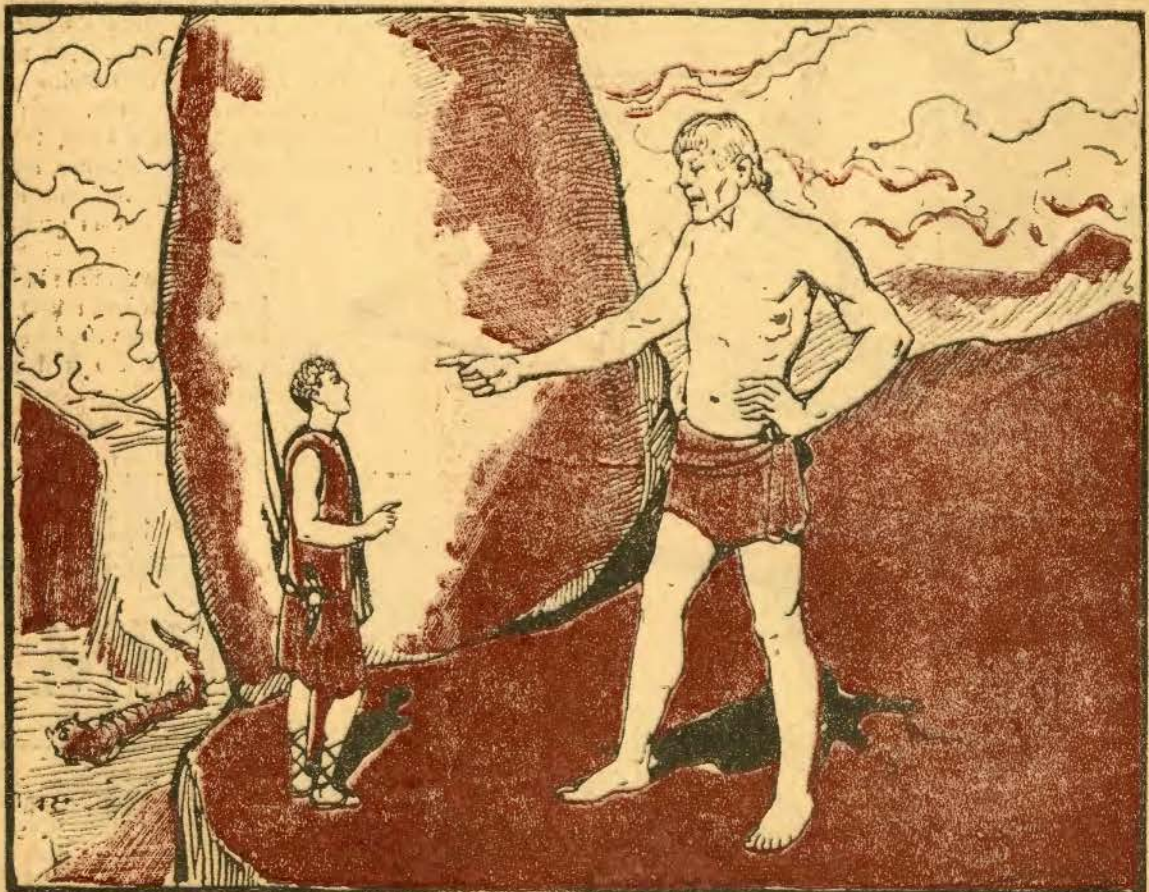
— Sim, ficarei na tua companhia, e preparemo-nos para a luta!

— Ainda é cedo.

— Cedo?! — disse espantado Celcio. — Tu com certeza, ainda ignoras que estamos por cima dos desfiladeiros da Morte!

— O quê?! Mas eu não sabia, acredita; pensava que êsses sitios ainda ficavam distantes!

— Não! Não! E olha, Márcio, que é por debaixo dêste precipício que o dragão costuma passar para o seu covil! Sei isto, porque ontem, por esta hora, de uma montanha mais alta do que esta, vi-o passar, perfeitamente por aqui!





De repente, lá muito ao longe, ouviu-se um rugido espantoso.

Márcio e Celcio, viram, cheios de terrôr, uma espécie de enorme largato, medindo mais de 90 metros de comprimento, horrível, e em cujos olhos, os raios do sol se reflectiam, como se fôsse em espelhos. O dragão caminhava com o auxílio de quatro patas colossais, e tinha dois grandes e afiados dentes a saírem-lhe das suas fauces sempre abertas, ameaçadoramente. Trepava com a maior facilidade por precipícios profundíssimos, e, vagarosamente umas vezes, e outras correndo com incrível velocidade, aproximava-se cada vez mais de Márcio e Celcio, que, a tremer, estavam escondidos por detrás do rochedo.

— Lá em baixo — disse Márcio — há um grande lago. Talvez que o dragão passe por aqui para beber água.

— Isso é que era bom — respondeu Celcio — porque então eu faria rolar este rochedo, e talvez que êle caísse em cima dêle!

— Bela ideia! — aprovou Márcio. — Mas a tua força chegará para deslocar uma rocha que tem por altura três ou mais alturas de um homem como tu? Em todo o caso podes tentar!

O dragão, efectivamente, subiu ainda dois precipícios com a maior facilidade e deteve-se junto ao lago a beber água. Era tam forte o ruído da sua respiração, que, apesar do abismo ter mais de 200 metros de altura, o antigo escravo e o valente rapaz ouviam-na perfeitamente.

Celcio, então, começou a fazer esforços inauditos para despenhar o rochedo no precipício; daí a momentos já estava à beira dêle; mais uns titânicos esforços, e a enorme pedra, de súbito, cortava o espaço vertiginosamente...

Ouviu-se um som cavo, estranho, como se fôsse produzido por um longo ruído subterrâneo.

Márcio, vigiou o abismo e soltou uma exclamação de alegria. A cabeça do monstro estava completamedte esmagada!

O horrível dragão tinha cessado de existir.

Celcio abraçou Márcio e os dois quasi iam chorando de alegria.

— Quem é a tua família? — perguntou Celcio.

— Eu não sei, nunca tive família — respondeu tristemente Márcio. Contava apenas 5 anos quando me levaram duma casa muito luxuosa para outra feia e quasi arruinada, onde uma velha aí me criou.

— Mas... E se fôsses tu?... Ora deixa ver...

E Celcio, muito nervoso, pôs a descoberto o peito de Márcio. Ao vêr uma pequena marca, assemelhada a uma lança, que o rapaz tinha no peito, aquêle homem tam forte, começa a chorar de alegria.

— Es tu o filho dos meus patrões! Sim, és tu! Este sinal, que eu lhe vi no peito dois dias antes de o roubarem de casa de seus pais, é absolutamente igual!

Márcio e Celcio abraçaram-se, comovidos. E em baixo, o horrível dragão tinha-se, pouco a pouco, submergido nas águas do lago...

Como um dia afirmara o cavaleiro que fôra dar aos habitantes da cidade aquêla terrível notícia, os vencedôres do dragão, Márcio e Celcio, foram durante muitos anos adorados quasi como deuses. Márcio, viveu, muitos anos, feliz na companhia de seus pais.

F I M

ADIVINHAS

- 1.^a — Qual é a ilha portuguesa que está sempre a arder?
- 2.^a — Quais são os ilheus portugueses que tem o nome de um insecto?
- 3.^a — Qual é o arquipélago português que tem o nome de uma ave de rapina no plural?
- 4.^a — Qual é a serra portuguesa que é uma arvore frutífera?
- 5.^a — Qual é o monte português que é um fruto?
- 6.^a — Qual é a lagôa portuguesa que não é clara?
- 7.^a — Qual é o cabo português que serve para fiar?
- 8.^a — Qual é a terra portuguesa que é uma ave de rapina?

Conto de inverno

Por MARIA PACHECO

Desenhos de E. MALTA



UVIAM-SE os tambôres dos palhaços. Naquela aldeia, lá muito ao longe, debruçada sobre o mar, os palhaços davam espectáculos ao ar livre e as ciganas dançavam. Entre elas destacava-se uma ciganita airosa, harmoniosamente vestida de sêdas orientais,

olhos pretos, tão pretos como a noite escura, e os cabelos anelados escapavam-se-lhe do lenço vermelho e, revoltados, emolduravam-lhe o lindo rôsto oval.

Dançava e os seus olhos inocentes brilhavam enquanto os séquins dourados iam aos meneios graciosos da cabeça. Nessa tarde o príncipe Rui acompanhado pelo seu séquito, percorria os arredores da cidade; chegando à aldeia viu um movimento tão grande que lhe despertou a atenção, e mandou um dos seus companheiros vêr o que havia. — São palhaços e ciganas que dançam, Senhor. — «Vou vê-los!» exclamou e, apeando-se, encaminhou-se para o sítio onde o povo estava. A ciganita dançava... e o príncipe olhava-a, admirando a graça dos seus movimentos. Quando os seus pézitos pequeninos acabaram os últimos passos, o povo entusiasmado atirava-lhe dinheiro e o príncipe atirou-lhe com uma moeda de ouro. Montou a cavalo seguindo para o palácio, mas no seu cérebro reflectia-se a imagem da ciganita, e, não podendo ceder à tentação de a tornar a vêr no dia seguinte, tomou o caminho da aldeia,

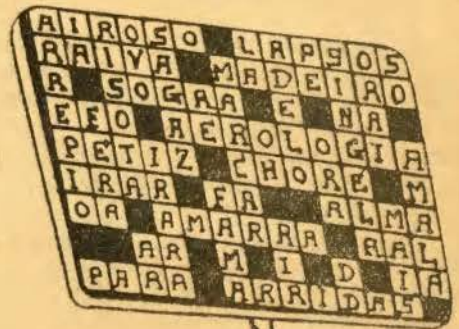
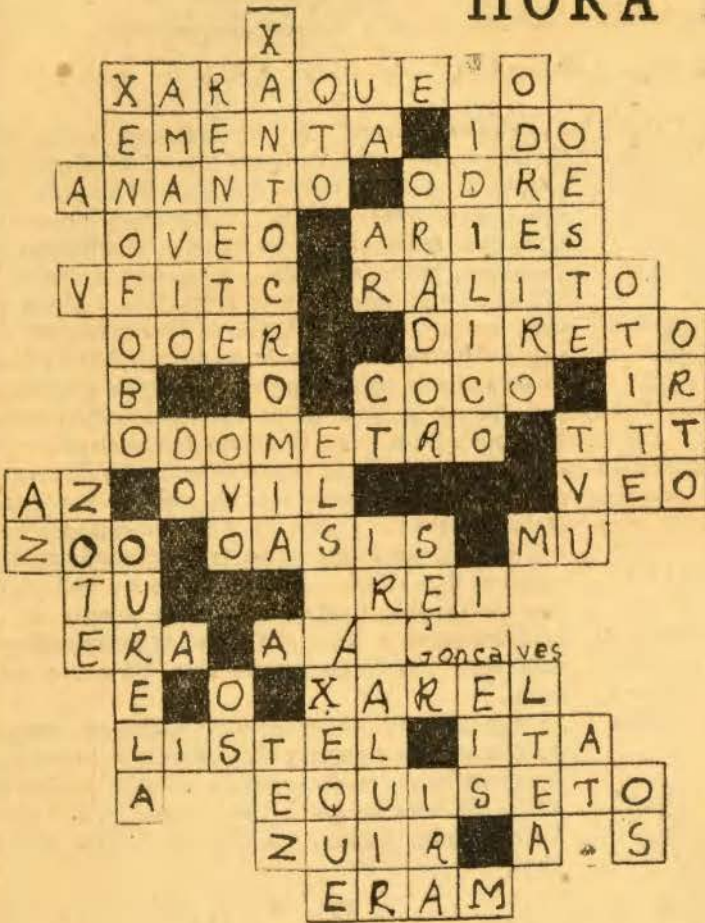
Informando-se onde era o acampamento dos ciganos dirigiu-se para lá, encontrando à porta da barraca a ciganita. Não dizendo quem era, começou a conversar e a bailarina achando-o muito simpático, conversava também. Todos os dias o príncipe a ia vêr e em roda dêles só havia inveja e o ódio implacável da raça que não poupa aos que faltem aos deveres que a religião impõe. Uma tarde em que se demoram mais a conversar, uma velha cigana, aproximou-se surrateiramente e, dizendo umas palavras em voz baixa, disse mais alto: — «Sumido sejas tu, homem maldito». — Imediatamente o príncipe desapareceu.

No palácio reinava a maior anciedade. O rei ordenara que o procurassem por toda a parte mas as pesquisas eram infructíferas. O príncipe sumira-se. Ninguém sabia onde se encontrava. O rei já desanimava de encontrar o filho, quando um velho veio dizer que as ciganas sabiam onde o príncipe estava. Imediatamente presas, negaram, mas a velha, depois de muitos interrogatórios, disse que a única que sa-

(Continua na página 8)



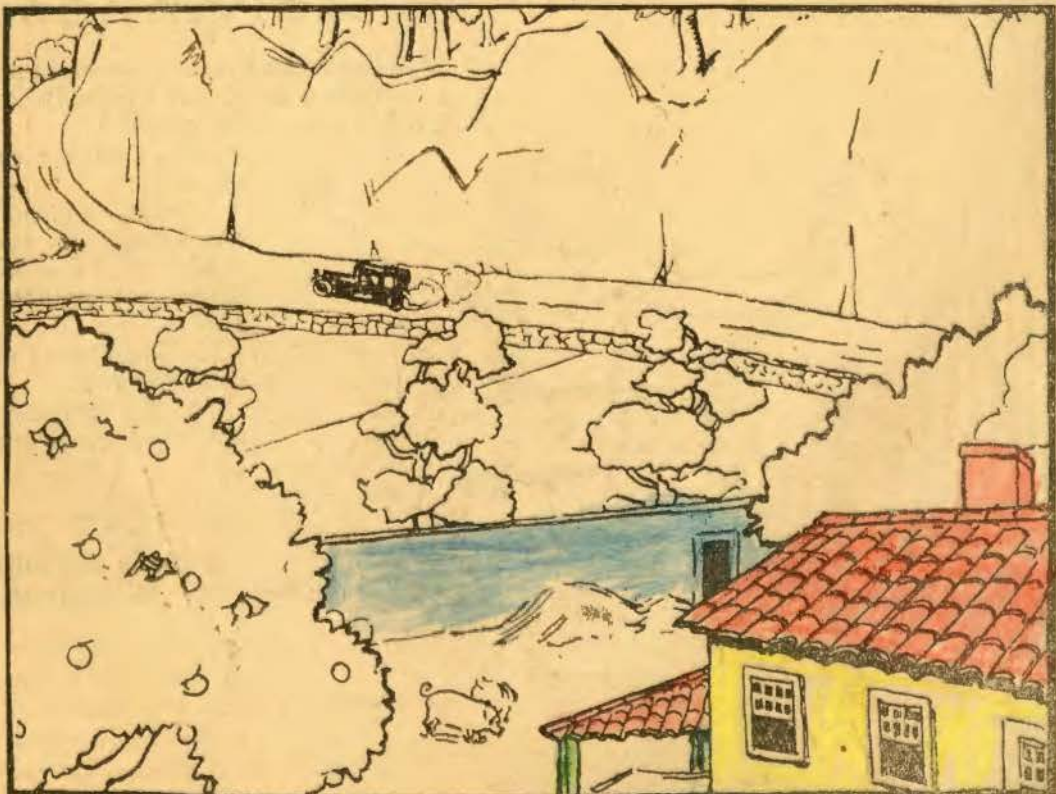
HORA DE RECREIO



Solução
dos
problemas
anteriores



Para os meninos colorirem



Conto de inverno

(Continuação da página 8)

bia do paradeiro do príncipe era a bailarina. Começaram os dias tristes para a infeliz ciganita. Proclamava a sua inocência, mas o rei inflexível, torturava-a para que dissesse a verdade. Ela porém dizia sempre que não mentia, que desconhecia o paradeiro do príncipe e quem o sabia era a velha mas o rei não acreditava.

Passados muitos dias, a pobre da ciganita descansava uma noite na enxerga da prisão; quando ouviu uma voz que lhe dizia: — Não percas a esperança; vér-te-hás livre e encontrarás o príncipe. Sou o amôr, fui eu que os impeli um para o outro, para que se amassem. Sou eu que quero, que ordeno à humanidade a estreita união entre os séres que se amam, para que possam sentir, sofrer, alegrar-se juntamente. Sofres, mas serás feliz quando libertares o príncipe. Então, débilmente a ciganita pediu: — «Amôr, leva-me e ensina-me onde poderei encontrar o príncipe». Sentiu os olhos vendados e uma pequenina mão que a guiava. Andou toda a noite e, mal a manhã começou a aparecer, a mão protectora deixou-a e os olhos ficaram libertos. A mesma voz disse-lhe:

— «Não saias daqui. Quando vires uma velha pedelhe que te dê água; enquanto ela te satisfizer o teu pedido, tira-lhe três flôres que ela tem ao peito e segue-a, mas tem cuidado que não sejas presentida. Quando a velha chegar ao bosque, aparecerão três cabrinhas; aproxima-te delas e dá-lhes a cheirar as flôres; a velha morrerá e tu restituirás a vida a teus pais, porque tu não és cigana, és uma princesa. Teus pais são os reis do grande e lindo Reino da Neve. Fôste roubada pelos ciganos e teus pais encantados, mas chegou a hora de os libertares, assim como a teu noivo. Se a velha te presentir chama por mim». — A menina fez tudo o que o Amor lhe dissera mas quando seguia a velha, esta desconfiou, e a princezinha apelando o poder do Amôr, tornou-se invisível. Chegou ao bosque e assim que as cabritas cheiraram as flôres quebrou-se o encanto e a velha bruxa morreu. Os reis ficaram loucos de alegria quando reconheceram a filha e o príncipe acompanhou-os com igual satisfação por ter sido ela a sua salvadora.

Passadas algumas semanas, realizava-se com grande pompa o casamento de Rui com a princesa do Reino da Neve, tendo o pai do príncipe pedido perdão a sua nora do que a fizera sofrer injustamente. Vivem muito felizes, rodeados de lindos princezinhos,

F I M

Adivinhãs

- 1.^a — Qual a nação muito apreciada pelo Natal?
- 2.^a — Qual a nação que tirando-lhe a primeira letra fica o nome duma mulher?
- 3.^a — Qual é o mar da côr do leite?
- 4.^a — Qual é o ponto cardeal que ao contrario nos alumia?
- 5.^a — Qual a provincia brasileira que muitas senhoras são?
- 6.^a — Qual a ilha portuguesa que dá couves?
- 7.^a — Qual a ilha portuguesa muito apreciada pelas senhoras?

Solução das adivinhãs já publicadas

- 1.^a — Mira; 2.^a — Lagôa; 3.^a — Vila de Feira; 4.^a — Constância; 5.^a — Anção; 6.^a — Almeida; 7.^a — Ilha do Corvo; 8.^a — Albufeira; 9.^a — Madalena (ilha do Pico).

